A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 49 | Domingo 3 de dezembro | 1893

O ACTOR VALLE

QUANDO elle passa na rua, os sorrisos formam alas na sua passagem.

Os homens dizem-lhe adeus, com a mão, jovialmente, com uma familiaridade cheia de sympathia; as senhoras comprimentam-n'o sorrindo e ficam-se a cochichar alegremente, recordando noites de gargalhadas sem conto.

Toda a gente o conhece e conhecel-o é admiral-o, é estimal-o, é ter, com elle, uma conta em aberto, de muitas horas de alegria, de galhofa, de esquecimento saudavel das amarguras e semsaborias da vida.

Valle é mais do que um grande actor: — é um benemerito! N'estes tempos em que por toda a parte ha tantas tristezas, tantas preoccupações, tantos dissabores, n'elle ha sempre alegria.

Basta vel-o para se estar alegre. Ouvil-o é uma festa.

Por isso todos o estimam, todos morrem por elle, todos o trazem nas palminhas.

*
* *

A cara do Valle!

Não é preciso mais nada para a gente se rir!

Apenas aquella cara, originalmente caracteristica, formosamente feia apparece na scena, as gargalhadas estouram, os applausos estrondeiam. Não precisa dizer nada, não precisa fallar: basta apparecer para ter um *successo* colossal. Olha-se-lhe para a cara e todos os rostos se desanuviam, todos os labios se escancaram em gargalhadas, todas as mãos se juntam em applausos.

É dos raros actores, hoje, que o Taborba se retirou do theatro, que todas as noites, quando entra em scena, tem as honras de saudação do publico, senão com uma salva de palmas, como acontece muitas vezes, com esse borburinho festivo que denuncia o contentamento de toda a gente, como acontece sempre!

Uma peça está a enfastiar o publico: os espectadores bocejam, conversam, olham para os camarotes: os actores esmorecidos, desconsolados, arrastam melancolicos aquella pesada cruz: em horisontes muito proximos esboça-se um *fiasco* inevitavel.

De repente, entra o Valle em scena.

Tudo se transforma como que por encanto!

O publico anima-se, interessa-se, diverte-se: os actores cobram alento: os bocejos são substituidos por gargalhadas: o *fiasco* esboçado metamorphosea-se n'um successo ruidoso!

A peça póde não ser boa, mas elle é sempre optimo.

O que elle diz pode não ter graça, mas a maneira como elle diz é sempre engraçadissima!

E quando não tem nada que dizer, gesticula, anda, olha, e não ha nada mais irresistivelmente comico em theatro do que o olhar do Valle!

Quantos dialogos insipidos não tem esse olhar tornado em scenas hilariantes!

Elle é alegria do publico, salvador de peças, fortuna de emprezas!

Bemdito sejas tu, ó Valle!

*
* *

Engana-se completamente quem pensar que o Valle é apenas um actor alegre, um actor engraçado, um actor que deve o seu grande exito e os seus permanentes triumphos á esplendida cara que Deus lhe deu.

Nada d'isso.

Valle tem muita graça natural, tem uns olhos impagavelmente theatraes, tem uns gestos desopillantes, tem uma soberba cara comica que apenas se vê faz esvoaçar em torno de nós a recordação de mil noites alegres, mas tem além de tudo isso um grande talento, uma enorme intuição artistica, um profundo e devotado estudo da sua arte.

É um grande actor em toda a extensão da palavra e sabe de theatro como um mestre.

A sua graça é tão natural, tão expontaneo o seu jogo scenico, tão simples a sua maneira, que é muito facil não se dar pelas grandes qualidades adquiridas pelo estudo, na presença d'aquellas uberrimas qualidades naturaes; é tão facil que um dos nossos mais brilhantes auctores dramaticos, que não conhecia o Valle, senão de o applaudir na platéa, esteve muito tempo sem dar por ellas.

Ha dois annos porém, quando na Rua dos Condes, n'uma companhia de verão de que Valle era director e ensaiador, se estava ensaiando o *Solar dos Barrigas*, esse auctor dramatico, que tem um dos nomes mais gloriosos do theatro contemporaneo, vendo o Valle *apurar* n'um ensaio, chamou-me de parte e disse-me cheio de assombro:

— Estava completamente enganado com o Valle! Tinha-o só por um actor engraçadissimo, e acabo de ver agora que elle é um grande actor!

*
* *

Valle é um grande actor a valer, e tem todas as altas qualidades dos artistas de raça.

Uma d'ellas é estar sempre dentro do seu personagem e dentro da situação.

Mercê da maneira apressada como se trabalha no nosso theatro, do modo atabalhoado como frequentemente as peças se montam, com doze ou quinze ensaios apenas, nada mais facil que um actor ir para a scena sem ter o seu papel precisamente na ponta da lingua.

Ao Valle tem-lhe acontecido isto, como acontece a todos os artistas, mas a peça nada perde.

Senhor absoluto do seu personagem sempre, com a comprehensão nitida da situação o Valle pode não dizer textualmente o que está na peça, mas o que diz não desmancha nunca nem a situação nem a individualidade; se não é o que está escripto podia perfeitamente sel-o e as peças seguem o seu caminho, sem hesitações e sem que pessoa alguma, muitas vezes nem mesmo o proprio auctor, saiba o que por lá foi!

*
* *

Outra grande qualidade artistica de Valle.

Quando o panno sobe, quando entra em scena, quando se acha defronte do publico, esquece-se completamente de si para ser todo da arte.

Ás vezes anda mal humorado, ou doente, ou aborrecido com um papel de que não gosta, com uma peça em que não tem confiança!

Nos ensaios pode mostrar tudo isso, ensaiar sem vontade, descontente, apprehensivo: mas quando chega o momento do combate, tudo isso desapparece.

Apenas o panno se ergue o Valle transfigura-se; entrega-se de corpo e alma a essa peça, de que não gostava, como se fosse a sua peça, mais querida; lucta por ella como se ella fosse sua; dá-lhe o melhor do seu talento, o melhor da sua arte e acaba sempre por fazel-a triumphar.

Durante os ensaios pode haver desalentos com elle, — que eu nunca os tive, em boa hora o diga! — na noite da recita, na hora do perigo, em ninguem se pode confiar mais do que n'elle, porque com certeza se bate até á ultima!

É d'aquelles com que se pode contar affoitamente.

*
* *

Biographia do Valle, datas, anno do nascimento, filiação, papeis principaes, e esse cortejo obrigado de todas as biographias não tem cabida aqui.

Principaes papeis: — são todos que elle tem feito, e todos os que elle tem feito perguntem-n'o ás suas mais alegres recordações de theatro.

Data do nascimento: — o Valle é sempre tão novo no theatro, que parece que nasce em cada peça que representa.

Seus paes: — um honrado velho, uma santa velhinha, alegre, jovial, cheia de bonhomia, que não vê n'este mundo outra cousa senão o seu José Antonio do Valle, uma mãe que elle adora, a quem elle quer como ás meninas dos seus olhos.

Caracter do homem:

Não é preciso indagar, basta vel-o.

O Valle é o actor mais alegre de Portugal, e alegria é synonimo de bondade.

Quem é alegre é bom! A inveja, o odio, os rancores, a deslealdade, a traição, toda essa ladainha de más qualidades que constituem os grandes defeitos de caracter são incompativeis com a alegria.

Quem faz chorar é incapaz de saber fazer rir e o Valle, a fazer rir tem passado toda a sua existencia.

Não ha melhor certidão de folha corrida!

* * *

Acabaremos este rapido artigo pelo principio da vida artistica de Valle.

Quando elle deixou de ser curioso para ser actor, o seu primeiro ensaiador achou — e disse-lh'o — que se devia deixar d'isso porque não tinha geito nenhum e porque nunca havia de fazer nada pelo theatro!

Vinte annos antes Emilio Douxe fizera egual prophecia ao Taborda!

E depois d'estes dois documentos, vão lá acreditar em prophecias no theatro e vão lá fazel-as!

Gervasio Lobato.

POLITICA SEM POLITICA

Querem os leitores saber porque é que o *Economiste Français* nos descompõe?

Porque se supprimiram as *despezas de publicidade*, as celebres despezas de publicidade, diz pezaroso o *Diario Popular*. Assim o sr. Leroy-Beaulieu, economista de polpa e membro do Instituto de França, não passaria de um insigne *maitre-chanteur!*

Mas analysemos o caso: o sr. Fuschini ha cerca de um anno que acabou com essas famosas despezas, que já se desconfiava que não iam completamente ao seu destino. E o que succedeu?

Succedeu que não succedeu cousa alguma! Que a imprensa estrangeira nenhuma represalia exerceu, e que assim ficou demonstrado que as taes despezas a quem aproveitavam mais não era propriamente aos jornalistas francezes. Os doridos eram outros!

Passam-se mezes, o *Economiste* e depois os *Debats* desatam á descompostura ao governo portuguez, e eis que se apresenta o seu socio e principal sustentaculo a clamar, que é por causa de suppressão das despezas de publicidade, e que o sr. Fuschini é que é o culpado.

Mas que significa isto? Então já não podemos deixar de ser descompostos sem pagar o respeito e o silencio? Chegámos já ao ponto de que publicamente se aconselha o governo a que distraia do nosso magro thesouro alguma cousa como cento e tantos contos para alimentar a bella *chantagem?*

E diz o *Popular* que o governo não póde proceder contra todas estas manobras?

Está enganado, póde, mas não quer; como egualmente o poderiam fazer, mas tambem não querem, certo cavalheiro alludido pelos jornaes francezes, por via do qual nos achamos involvidos em todas estas lindas brincadeiras.

Assim o paiz fica exposto a toda a casta de vergonhas. Mas não tem duvida: viva a bella *dissolução*... dos costumes!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

E' na primeira representação do theatro de S. Carlos que a sociedade elegante se avista, depois do seu regresso do campo e das praias. Os ultimos dias do outomno são quasi exclusivamente consagrados pelas senhoras ás consultas dos ultimos figurinos francezes e ás frequentes visitas aos *ateliers* das modistas mais affamadas. E que trabalho e que talento se emprega na escolha de um vestido, apreciando o effeito que elle produzirá, depois de bem harmonisadas as côres do tecido e dos enfeites com a côr dos cabellos, ou elles sejam pretos como a aza de um côrvo, ou sejam claros e louros como os raios do sol dourado!

Todas essas *toilettes*, preparadas para as festas do inverno, teem a sua primeira exhibicão nos camarotes do theatro lyrico.

E' tambem ali, durante os intervallos da opera, que se projectam os banquetes, os *raouts* e os bailes, e que se fazem os convites para as *soirées* mais intimas, deliciosas *soirées* passadas n'um grupo mais escolhido, conversando-se tranquillamente á luz do candieiro coada suavemente pela franja de rendas do largo *abat-jour* e ouvindo o doce crepitar do cock na chamma azul do fogão. Mas é preciso ter um espirito mais delicado, ter até um sentimento artistico para apreciar estas reuniões intimas e as preferir á ostentação deslumbrante dos bailes, onde o brilho das luzes, o som das orchestras e o redemoinho das valsas quasi entontecem e perturbam.

A companhia lyrica promette noites de excellente musica. No elenco figuram tres artistas, cujo nome está hoje consagrado entre as celebridades: Durclée, que é uma cantora insigne e uma mulher formosa, o barytono Kaschmann e Maurel. A empreza promette fazer representar a grande opera de Wagner a *Walkirie*, que em Paris teve um exito maravilhoso. Se com estes predicados o theatro não attrahir repetidas enchentes, então é que os frequentadores de S. Carlos perderam o gosto pela musica e já não são os mesmos, que faziam tremer de susto os grandes cantores, quando, pela primeira vez, se apresentavam ao nosso publico.

Não cremos que tal succeda. A primeira recita do thea-

tro lyrico será, sem duvida, uma noite de festa para a nossa sociedade elegante. Ali serão deliciados os ouvidos com o que se cantar no palco, e deliciados os olhos com o que se vir nos camarotes.

GRAZIEL.

TELEGRAMMA EM DEPOSITO

Esta manhã, dormia eu a somno solto, quando fui despertado por violentas pancadas nervosamente batidas á porta do meu quarto.

Sentei-me estremunhado na cama, e ouvi minha mãe dizer-me do corredor:

— Olha que tens um telegramma em deposito.

— Um telegramma?

— Sim. Vem no jornal.

Saltei para o chão, calcei apenas um chinello porque não encontrei o outro, lavei-me a toda a pressa e vesti-me para sahir.

É que eu esperava a todo momento, com effeito, noticias do estrangeiro communicando-me o desfecho d'uma questão de que dependia todo o meu futuro.

Desci, pois, a escada saltando os degraus a dois e dois. Pelo caminho, para não perder tempo, ia abotoando o collete; mas tive de me demorar no ultimo lance para compôr a *toilette*, pois enfiara os botões d'aquella peça de vestuario pelas casas do *paletot*.

Emfim, eis-me na rua.

— Que dirá o telegramma? pensava.

Ao voltar a esquina, encontro um amigo.

— Olá! Fulano, para onde vaes com tanta pressa, que até te esqueceu a gravata?

— Oh! com os diabos!

E lá tornei a subir ao meu quinto andar, para atar o laço ao pescoço.

De novo desço, mas a quatro e quatro, para recuperar o tempo perdido.

— Que diria o telegramma?

Perto ainda de casa, um conhecido chama-me, atravessando logo a rua, obsequiosamente, e enlameiando se até ao tornozello.

— Como regressou você da sua viagem?

Porque eu cheguei ha pouco do estrangeiro. Justamente da terra onde está correndo a grave questão de que depende o meu futuro.

— Bem, muito obrigado. E o sr.?

— Perdão! Eu não estive fóra...

— Ah! sim. Desculpe. Eu vou com muita pressa...

— Então deixe-me prevenil-o d'uma cousa: você tem um telegramma em deposito.

— Pois é porisso mesmo que vou com muita pressa. Em todo caso, agradeço-lhe o aviso.

— Ora essa! Sempre que possa ser-lhe prestavel...

— Obrigado. Adeus.

Dois passos adiante vejo passar n'um trem, ao revez da direcção que eu seguia, uma pessoa minha amiga, de muita consideração e a quem devo favores. Mas faço que não vejo. Nem a cumprimento, para não me demorar.

— Pscht! pscht...

Não olho.

— Ó sr. Fulano!

Não ouço.

Mas um delicadissimo abelhudo planta se-me na frente, apontando para a carruagem do meu amigo e dizendo-me:

— Olhe que estão d'ali a chamal-o.

Ainda tive de agradecer! E voltei-me risonho para o trem, correndo presuroso a cumprimentar a pessoa que ia dentro.

— Oh! sr. conselheiro! Muito folgo de o vêr. Estava para ir hoje visital-o...

— Viva, meu caro! Você vem optimo! Mais gordo. Muito queimado...

— Felizmente, bem, sr. conselheiro. E v. ex.ª? Sua ex.ma esposa? Os meninos?

— Todos bem, obrigado. Mas dig...

— Pois sr. conselheiro, queira dar-me as suas ordens. Vou com uma pressa enorme, porque...

— Ah! vae? Então adeus, e appareça.

— Adeus, sr. conselheiro.

— Ah! É verdade, deixe-me dizer-lhe uma cousa: vi agora n'este jornal que você tem um telegramma em deposito; foi até porisso que o chamei.

— Obrigadissimo, sr. conselheiro. Eu já sabia, e era essa a razão da minha pressa.

Rodou o carro, e eu rodei tambem, mas nos calcanhares.

Cada passada minha alcançava metro e meio.

A azafama em que ia para lêr o telegramma fez com que não

FOLHETIM

A ABOBADA

I

E Anna Margarida, que tinha a ceia ainda ao lume, foi puxando o cégo para a porta de casa.

«Ai, Affonso Domingues, Affonso Domingues! vae-se-te após a vista o siso. Aborrida cousa é a velhice. Não vos parece, Frei Joanne?»

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que suppunha estaria atraz d'elle; mas Frei Joanne tinha desapparecido d'alli manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Frei Lourenço viu-o em pé sobre uma pedra a alguma distancia.

O prior ía a perguntar-lhe o que fazia alli, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

«Ganhastes, padre prior; ganhastes!... Eis el-rei que chega.»

E, com effeito, Frei Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavalleiros, que, com grande açodamento, descia para o valle do mosteiro.

II

Uma das innumeraveis questões que, em nosso entender, eternamente ficarão por decidir, é a que versa sobre qual dos dois dictados — *voz do povo é voz de Deus* — ou — *voz do povo é voz do diabo* — seja o que exprima a verdade. É indubitavel que o povo tem uma especie de presciencia innata, d'instincto divinatorio. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porque, corre voz entre o povo que tal navio sahido do porto, tão rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias extranhas. Passa o tempo, e a voz popular realisa-se com exacção espantosa. Assim de batalhas; assim de mil factos. Quem dá estas noticias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mysterio é esse que ainda ninguem soube explicar. Foi um anjo? Foi um demonio? Foi algum feiticeiro? Mysterio. Não ha, nem haverá, talvez, nunca, philosopho que o explique; salvo se tal phenomeno é uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio inintelligivel de dar solução a tudo o que se não entende é acaso a unica via de resolver a duvida. Se o é, os sabios explicarão o que n'esse momento occorria na egreja de Sancta Maria da Victoria.

Foi o caso: quando a cavalgada de que fizemos menção no fim do antecedente capitulo vinha descendo a encosta sobranceira á planicie do mosteiro, entre o povo que estava dentro da egreja, impaciente já pela demora do auto, começou-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais. O motivo d'elle, não era facil sabel-o: nenhuma novidade occorrera; ninguem tinha entrado ou sahido. De repente, toda aquella multidão se agitou, remoinhou pela egreja e principiou a borbulhar pelo portal fóra, como por bico de funil o liquido deitado de alto. Tinham sabido que el-rei chegava, e todos queriam vêl-o descavalgar, porque D. João I, plebeu por herança materna, nobre por ser filho de D. Pedro I, rei eleito por uma revolução e confirmado por cin-

me desviasse a tempo d'um gallego que passava em sentido contrario. Levei um encontrão formidavel, desequilibrei-me, e puz um pé em cheio sobre o melhor dos callos de um outro transeunte.

— Oh! meu caro senhor, perdôe!

O pobre homem, com a mão direita encostada á parede e o pé esquerdo no ar, fazia uma careta medonha. Quando esta se foi desvanecendo, ao mesmo passo que a dôr no callo, poude reconhecer — oh! desgraça! — um amigo!

— Ó Soares! Eras tu?! Fiz-te muito mal?

E elle, quasi a chorar:

— Não! Isso sim! Não foi nada... Então quando chegaste? Ui!...

— Cheguei ha tres dias. Mas adeus, que vou muito apressado. Desculpa a pizada.

— Espera ahi, anda cá, homem. Preciso de fallar comtigo...

— Agora não posso, menino. Vou com muita préssa.

— Tem paciencia, espera. Quero mostrar-te uma cousa.

E mette a mão á algibeira, mas interrompe-se para pôr de novo o pé no ar, gemendo:

— Ui! Meu rico callinho!

Calcule-se a minha impaciencia! Senti um apetite feroz de pizar ao meu amigo todos os seus callos passados, presentes e futuros.

Mas elle, afinal, tirou a mão do bolso. Na mão vinha um jornal.

— Vem aqui uma cousa que te deve interessar.

E mostrou-me a lista dos telegrammas em deposito, onde se lia o meu nome: Fulano.

— Ora vae para o diabo!... foi o meu unico agradecimento.

Deixei-o muito espantado, de pé no ar e queixo cahido.

Segui, escolhendo ruas escusas, para evitar novos encontros. Todo o meu pensamento estava no telegramma, no decantado telegramma. Que diria elle? Que novas me traria?

A sorte, porém, perseguia-me. Todos os meus amigos, todos os meus conhecidos, todas as pessoas das minhas relações — aquellas que hão de ser convidadas para o meu enterro quando eu fôr levado para o deposito aonde ninguem terá de me ir buscar, como eu hoje tive de ir buscar o telegramma, — todos andavam pelas ruas escusas, e... todos haviam lido o jornal!

E eu só ouvia chamarem-me de todos os lados, da rua, das lojas, das janellas, e dizerem-me:

— Ó sr. Fulano, olhe que tem um telegramma em deposito.

E tinha de agradecer, de dizer a todos que já sabia, e que era justamente por ir buscar esse telegramma que me viam tão apressado, etc., etc.

Duas horas depois de haver sahido de casa — e não moro longe —, cheguei finalmente á estação do telegrapho.

Ahi, tive de provar que o destinatario do telegramma, o Fulano era eu. Porque, infelizmente, o empregado do *telegrapho-restante* era a primeira pessoa que eu encontrava hoje que não fosse minha amiga, nem minha conhecida, nem das minhas relações. E queria que eu lhe apresentasse um signal qualquer por onde se provasse a minha identidade: um passe do americano, um bilhete de visita, fosse o que fosse.

Mas se eu, com a préssa, esquecera-me da carteira! Santo Deus! E o telegramma ali, sobre o pequeno balcão do *guichet*, fechado no sobrescripto amarello, da côr do meu desespero!...

Fallei, gesticulei, berrei. Fui eloquente, emfim; e tão eloquente que logrei commover o homem, e convencel-o d'esta grande verdade: que eu era eu.

Quando elle — afim! — me deu o telegramma, tive ganas de o abraçar e de lhe dar um beijo; mas o *guichet* era tão pequeno!...

Tremulo, quasi sem me ter nas pernas, rasguei o sobrescripto; e, quando a vista se me desanuviou, poude finalmente lêr:

FREIXO ESPADA Á CINTA, 16, ás 5 h. 20 m. t. — *Fulano*. — Lisboa.

Parabens commenda Christo. Felicite meu nome senhora meninos.

Bentes

....

Quando recuperei os sentidos, estava na pharmacia mais proxima, cercado de gente e com um policia ao lado. Tinham-me desabotoado o fato, e encharcado o collarinho com os borrifos d'agua fria destinados ao rosto.

Que me succedera? Não me lembrava. Mas o policia perguntou-me:

— O telegramma trouxe-lhe alguma noticia má?

Então, voltou-me subito a memoria. Olhei para o papel, que os meus dedos crispados seguravam ainda; os cabellos puzeram-se-me em pé, e um grito estridulo soltou-se-me do peito:

— Ah!... O telegramma!... A commenda!...

E deitei a correr pela rua fóra, perseguido pelo policia e pelo pôvo que me julgavam doido, e a quem a custo expliquei que o que eu queria era ir ao ministerio do reino pedir pelo amor de Deus que não me dessem commenda, ou que se já m'a tivessem dado, m'a tirassem de novo, porque eu não fizera mal a ninguem.

José de Lara Everard.

---

coenta victorias, era o mais popular, o mais amado e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado em uma possante mula, e, assim mesmo, em outras os fidalgos e cavalleiros de sua casa. Trazia vestida sobre o brial uma jórnea de veludo carmesim, monteira preta, e nebri em punho, em maneira de caçada. Chegando á porta do mosteiro, onde o esperava já Frei Lourenço com parte da communidade, apeiou-se de um salto, e com rosto risonho e a mão no barrete, agradeceu sua cortezia e aquellas mostras de amor aos populares, que gritavam, apinhados á roda d'elle: — «viva D. João I de Portugal: morram os castelhanos!» — grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua indole sanguinaria.

Por baixo d'aquellas soberbas arcadas desappareceu brevemente el-rei da vista da multidão, que tornou a sumir-se no templo para vêr o auto, que não podia tardar.

«Mui receioso estava de que vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o sol não tarda a sumir-se no poente» — dizia Frei Lourenço a el-rei, a cujo lado ía para o guiar ao seu aposento.

«Bofé, mui devoto padre prior, que, por pouco, estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira, com os outros peccados, que me não fallecem, se ámanhã me quizesse confessar ao meu antigo confessor» — tornou-lhe el-rei, sorrindo-se.

«E certo estou de que, entre todos os peccados de que terieis de vos accusar, este não fôra o menos grave, e de que eu a muito custa absolveria vossa mercê» — retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortesãs no paço, do que a theologia no noviciado da sua ordem.

«Mas, para onde me guiaes, reverendo prior?» — disse el-rei, parando antes de subir uma escada, para a qual Frei Lourenço o encaminhava.

«Ao vosso aposento, real senhor; porque tomeis alguma refeição e repouseis um pouco do trabalho do caminho.»

«Não foi grande o feito, para tomar repouso — acudiu el-rei — que de Santarem aqui é uma corrida de cavallo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnez e braçaes, traz vestidos de seda. Despil-os-hei bem depressa, já que el-rei de Castella quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de treguas o Mestre de Sanctiago com o Condestavel. Mas vamos, meu doutissimo padre; mostrae-me a casa do capitulo, a que mestre Ouguet acabou de pôr seu fecho e remate. Onde está elle? Quero agradecer-lhe a boa diligencia.»

«Beijo-vos as mãos pela mercê — disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada d'el-rei, e certo de que elle desejaria vêr aquella grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva. — Se quereis vêr a casa do capitulo, vamos para a banda da crasta.» Dizendo isto, sem ceremonia tomou a dianteira e encaminhou-se ao longo de um dos cobertos do claustro.

David Ouguet era um irlandez, homem mediano em quasi tudo; em idade, em estatura, em capacidade e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham soffrido grande distensão em consequencia da dura vida que a tyrannia do filho d'Erin lhes fazia padecer havia bem vinte annos. Desde muito moço que começara a produzir grande impressão no seu espirito a invectiva do apostolo contra os escravos do proprio ventre, e, para evitar essa condemnavel fraqueza, resolvera trazel-o sempre sopeiado. Não lhe dava treguas; se em Inglaterra o fizera muitos annos vergar sob o pezo de dez atmospheras de cerveja,

MODAS

Entre tantos chapeus que nos attrahem a attenção pela sua extravagancia de feitio, lancemos as vistas sobre a *toque*, sempre singella e bem *portée*, e tão apreciada hoje de vestir que nenhuma fazenda é considerada boa de mais para as armar. Fazem-se até de veludo branco, guarnecidos de pelles, fivella de diamantes e ramos de violetas. Será inutil recommendar que estas *toques* tão ricamente enfeitadas se não ponham com qualquer *toilette*, nem para passeio a pé. Para esse fim empregam-se veludos de côres escuras, sendo muito usado o veludo *miroir*, que fórma ondas como o *moiré antique*, enfeitando com pennas presas por uma fivella d'aço. Sim, d'aço, que está á moda outra vez, sobretudo para botões e guarnecer as gollas dos vestidos.

O penteado da actualidade, o que a parisiense prefere é, sempre o nó de cabello preso na nuca. O cabello ainda se friza, mas ficando a cabeça chata e não sendo de rigor o cannudo sobre a testa.

Apontemos o reapparecimento do *tulle*, empregando se em lindas *toilettes* de *soirée* e tambem em folhos por baixo das rendas, que d'este modo parecem mais ligeiras e cahem melhor, do que pregadas sobre a seda.

Os vestidos para a noite são todos de tons claros, exceptuando o escarlate, posto de parte, côr de rosa, azul, e côr de pecegueiro, são os tons preferidos.

Continúa a lançar-se mão da renda créme, e a rede preta com applicação de renda créme apparece sempre na melhor sociedade.

A rede preta com salpicos de veludo ou *chenille*, são os veus mais á moda, tendo-se, felizmente banido os veus de tulle de côr.

GIL-BERTA

Anniversarios da semana

Domingo 3 — As sr.as: D. Alice Martins de Moraes e Sousa (Calhariz), D. Anna Emilia Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel, D. Ignez Mongiardim, D. Maria Quiteria Anderson Leitão Gil, D. Amelia Augusta Ferreira, D. Emilia Xavier Ferreira.

E os srs.: D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, Bispo de Beja, Conde de Bertiandos, Diogo da Fonseca Achayoli, Constant Burnay Junior.

Segunda-feira 4 — As sr.as: Condessa de Fonte Nova, D. Anna Telles da Silva (Penalva), D. Barbara Carolina Correia Lima (S. Januario), D. Isabel Adelaide Nobre Mourão (Bovieiro), D. Maria Ritta Xavier Perestrello, D. Laura Fletcher Moreira Rato, D. Maria Antonia Pereira Carrilho.

E os srs.: D. João d'Almeida, Augusto Kopke Severino de Sousa (Massarellos), Dr. Antonio Lopes dos Santos Valente, Dr. Antonio Manuel Pinto Vianna, Augusto Oscar d'Azevedo May, Julio de Moraes Sarmento.

Terça-feira 5 — As sr.as: Viscondessa da Corriscada, D. Emilia Serzedello Iglezias, D. Adelaide Cecilia Pereira Seabra, D. Joaquina Maria Bessone, D. Maria Anna Avilez Achayoli.

E os srs.: Conde de Prime, Nuno José Pereira Basto, José Ribeiro da Cunha, Guilherme Frederico de Portugal de Faria, João Trigueiros Martel, Antonio Polycarpo da Silva Lisboa.

Quarta-feira 6 — As sr.as: Viscondessa de Paiva Manso, D. Maria da Madre de Deus Alves de Sá, D. Maria Elvira da Conceição Valente Pereira, D. Olympia Eliza de Miranda Barbosa, D. Herminia Baldy, D. Eliza da Madre de Deus Bandeira Monteiro, D. Maria Henriqueta Reis, D. Maria Angela da Silva Pereira.

E os srs.: Commendador Antonio Ignacio da Fonseca, Francisco Moreira Freire Correia Manuel Torres Aboim, Augusto Ferreira Lima.

Quinta-feira 7 — As sr.as: Condessa das Alcaçovas, D. Eugenia de Mello Breyner (Mafra), D. Anna de Jesus Mendóça (Azambuja), D. Rita da Natividade M. Teixeira (Casaes do Douro), D. Emilia Estephania Pereira d'Abreu Chianca (Manique), D. Francisca Emilia da Camara Manuel, D. Virginia Gomes, D. Celeste Augusta de Campos Taborda.

E os srs.: Dr. Antonio Ignacio de Sequeira, José da Silveira Vianna, Alfredo Sampaio Garrido, Augusto Sampaio Garrido, Francisco d'Almeida.

Sexta-feira 8 — As sr.as: Viscondessa d'Arriaga, D. Maria Carlota da Camara Borges, D. Maria Margarida Berquó, D. Maria da Conceição d'Oliveira Sá Chaves, D. Anna Emilia da Conceição Viegas Lima, D. Josephina Luiza dos Santos Galvão, D. Maria Francisca de Vasconcellos d'Almeida e Silva, D. Maria Eugenia do Valle Campos Pereira.

E os srs.: Francisco de Lemos, Carlos de Sousa Almada.

Sabbado 9 — As sr.as: D. Amelia de Mendóça (Azambuja), D. Emi-

---

em Portugal submettia-o ao mais fadigoso mister de cangirão permanente. Mortificava-o assim, para que não lhe acudissem soberbas e velleidades de senhorio e dominação. De resto, David Ouguet era bom homem, excellente homem: não fazia aos seus semelhantes senão o mal absolutamente indispensavel ao proprio interesse: nunca matara ninguem, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente, positivo, e practico do mundo, não o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadaver de seu pae para tocar a méta de qualquer designio ambicioso. Com tres licções de phrases ocas, dava panno para se engenharem d'elle dois grandes homens d'estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavalleiros do duque de Lencastre, procurou obter e alcançou a protecção da rainha D. Philippa, que, havendo Affonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando elle por documentos authenticos ter na sua mocidade subido ao grau de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta é, em breve resumo, a historia de David Ouguet, tirada de uma velha chronica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça encadernada em um volume juntamente com os traslados authenticos das Côrtes de Lamego, do Juramento de Affonso Henriques sobre a apparição de Christo, da Carta de feudo a Claraval, das Historias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papeis de igual veracidade e importancia, que, por pirraça ás nossas glorias, provavelmente os castelhanos nos levaram durante a dominação dos Philippes.

O lanço da crasta, fronteiro ao coberto por onde ia el-rei, estava ainda por acabar. Apenas D. João I entrou n'aquelle magnifico recinto, olhou para lá e, voltando-se para mestre Ouguet, disse:

«Parece-me que não vão tão aprimorados os lavores d'aquellas arcarias como os d'estas. Que me dizeis, mestre Ouguet?»

«Seguiu-se á risca n'esta parte — tornou o architecto — o desenho geral do edificio, feito por mestre Affonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia d'esta peça: mas se vossa mercê m'o permitte, antes de entrardes no capitulo tenho alguma cousa que vos dizer ácerca do que ides presencear.»

«Falae desassombradamente — respondeu el-rei — que eu vos escuto.»

«Tomei a ousadia — proseguiu mestre Ouguet — de seguir outro desenho no fechar da immensa abobada que cobre o capitulo. O que achei na planta geral contrastava as regras da arte que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era, até, impossivel que se fizesse uma abobada tão achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo.»

«E consultastes o architecto Affonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que elle havia traçado?» — interrompeu el-rei.

«Por escusado o tive — replicou David Ouguet. — Cégo, e por isso inhabilitado para levar a cabo a edificação, porfiaria que o seu desenho se póde executar, visto que hoje ninguem o obriga a proval-o por obras. Sobra-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a sciencia, como dizia o veneravel mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister.»

ALEXANDRE HERCULANO.

(Continúa)

lia Baldaque da Silva, D. Maria Augusta Freire de Macedo, D. Maria Amalia da Veiga Sacheti, D. Maria do Carmo d'Almeida Maziotti.

E os srs.: D. Nuno de Noronha (Paraty), João Alexandre Paes Guimarães (Benalcanfor), Francisco Antonio da Silva Mendes, Jayme Pereira Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel, Antonio Melchiades de Sequeira Machado, Candido Albuquerque de Calheiros Junior.

EPHEMERIDES SEMANAES

26 — O sr. bispo de Bethsaida celebra uma missa na Encarnação, mandada dizer pela associação musical 11 de março, em acção de graças pela melhoras do sr. infante D. Affonso.

— Morre de repente no Porto, estando em scena, o actor Dias.

— Ultima tourada da época na praça do Campo Pequeno.

27 — Regressa ao Tejo o transporte *Africa,* depois de ter estado na India, Macau, Moçambique, Angola e Cabo Verde.

29 — Reune a camara dos pares em tribunal de justiça, julgando procedente o despacho de pronuncia contra o conselheiro Mendonça Cortez, e improcedentes as prcnuncias contra quatro outros dignos pares.

30 — É assignado o contracto provisorio de navegação para as ilhas adjacentes.

1 — Illuminações publicas e outras demonstrações de regosijo pelo anniversario da independencia.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Está já annunciada a abertura do theatro lyrico para o dia 23.

Parece que a companhia se estreia com o *Tanhauser*, de Wagner.

D. Maria

A *Kermesse,* de que promettemos falar n'este numero, subiu pela primeira vez á scena no sabbado da semana passada, e não voltou a ser reprssentada. Ao primeiro acto, que foi muito applaudido, seguiram-se os dois restantes, que não agradaram. E' certo que Moura Cabral percebeu, nos ultimos ensaios da peça, que os dois actos eram inferiores; mas já então não tivera tempo de os refundir. A seu pedido, depois da representação, foi a *Kermesse* retirada de scena.

A imprensa, no dia immediato, depois de apreciar a comedia, censurou asperamente o procedimento de alguns espectadores, que manifestaram o seu desagrado de um modo improprio d'aquella casa de espectaculos. Parece que no calor da reprovação, se dirigiram menos convenientemente ao auctor e aos actores que representavam o original.

Está claro que nenhum auctor, nenhum actor e nenhuma empreza tem a pretensão de coarctar o direito de qualquer espectador em patear o valor de uma peça ou a sua representação. Esse direito é garantido pela lei. Mas essa mesma lei, que faculta ao espectador a manifestação do seu desagrado, salvaguarda tambem a pessoa e o trabalho do auctor e dos artistas, não permittindo que, em pleno espectaculo, e quando o panno está subido, qualquer d'estes seja offendido com apartes ou interrompido no desempenho do seu papel.

As manifestações turbulentas e indecorosas, que em geral revellam mais um proposito de hostilidade pessoal ao auctor do que uma critica á sua obra litteraria, causam mais damno á reputação dos que as fazem, do que á de quem as recebe. A paixão tira lhes todo o valor.

E depois é indispensavel manter na sala do nosso primeiro theatro a ordem e o decoro que a auctoridade tem obrigação de manter em qualquer circo, ou em qualquer praça de touros.

Bem sabemos que, apesar de ser mais difficil a arte do que a critica, a todo o individuo assiste o direito de manifestar o seu desagrado; mas n'isto, como em tudo mais, *modus in rebus!* Não se podem exigir complacencias; mas póde impôr-se polidez.

Na sexta-feira fez-se a *reprise* do drama de D. João da Camara *Alcacer Kibir*, para estreia do actor Christiano de Sousa, que se encarregou do papel de *D. Guido*.

O joven actor, que, como já dissemos, tem o curso de direito da Universidade de Coimbra, abandonou a carreira do fôro e entrou no palco, levado por vocação artistica.

A sua estreia foi o mais auspiciosa. Quasi sem preparação, tendo apenas decorado o papel e ensaiado com os conselhos de Brazão, de João e de Augusto Rosa, não se podia exigir que se apresentasse em scena como um actor perfeito. As defficiencias na declamação e na gesticulação eram, pois, naturaes, e não se podia exigir o contrario. A despeito, porém, d'essas faltas, revellou excellentes qualidades, e assim o comprehendeu o publico, que enchia a sala, e que lhe fez uma calorosa ovação. Agora, resta-lhe estudar, estudar muito e aproveitar as licções e conselhos de quem lh'os possa dar.

Vão adiantados os ensaios do *Casamento de Olympia*, em que se estreia Lucinda Simões.

Ha dias, que tanto os camarotes como os logares da plateia estão já todos tomados.

* * *

Nos outros theatros tem continuado os mesmos espectaculos.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1